

4º DOMINGO APÓS PENTECOSTES (PRÓPRIO 7)

21 DE JUNHO DE 2026

MATEUS 10.5a, 21-33

1 INTRODUÇÃO

A festa de Pentecostes nos lembra que o Espírito Santo não é uma força abstrata ou alheia, mas a terceira pessoa da Trindade que age concreta e continuamente na Igreja. Desse modo, o período comum da Igreja é caracterizado pelo crescimento e pela continuidade da pregação do Evangelho no mundo e seus desdobramentos na vida comum dos crentes em Cristo.

Nesse período, depois da Páscoa e da Ascensão, a Igreja reflete sobre como vivem aqueles que foram alcançados pela Palavra através da ação do Espírito Santo derramado no dia de Pentecostes.

Os domingos do tempo comum enfatizam a pregação da Palavra, a santificação, a perseverança na fé e a confiança no cuidado de Deus em meio às dificuldades e perseguições por causa da pregação do Evangelho.

As leituras do Próprio 7 apresentam a tensão do povo de Deus que vive cercado por lutas, perseguições, tentações e medo, mas permanece sustentado pelo Senhor da Igreja.

2 TEMA DO DIA

A unidade temática dos textos deste domingo nos conduz para a confiança de que o Senhor permanece atuando misericordiosamente na vida da sua Igreja, em meio ao sofrimento, às perseguições e às dificuldades do seu povo. É a fidelidade de Deus que sustenta os cristãos em sua luta contra o pecado, no testemunho do Evangelho e na perseverança da fé até o fim.

O Salmo 91.1-16 apresenta Deus como refúgio e proteção para aqueles que nele confiam. O salmista descreve os perigos, medos e ameaças que cercam a vida humana,

e assegura que o Senhor guarda os seus filhos em meio às circunstâncias mais difíceis que possam sobrevir à vida. Mesmo diante dos perigos ou da própria morte, o povo de Deus pode confiar que o Senhor dá ordens aos seus anjos para que os guardem em todos os seus caminhos (v.11) e, na angústia, ele ouvirá os seus clamores e responderá (v.15).

O texto de Jeremias 20.7-13 descreve um momento difícil do ministério do profeta. Jeremias havia sido chamado por Deus para anunciar sua Palavra em um período de profunda decadência em Judá. Sua mensagem, em vez de aceita, era rejeitada pelo povo, especialmente porque suas profecias de juízo e destruição pareciam demorar a se cumprir. O profeta experimentou desprezo, perseguição e solidão, chegando a expressar profunda angústia diante da rejeição contínua e da sensação de abandono. Ainda assim, o texto termina com uma expressão de confiança e esperança, pois Jeremias reconhece que o Senhor permanece sustentando-o em meio ao sofrimento e à rejeição da sua Palavra.

Em Romanos 6.12-23, o apóstolo Paulo parte da realidade de que toda a humanidade vive em escravidão, ou ao pecado, que conduz à morte, ou a Deus, que conduz à santificação e à vida eterna. Ele lembra que, pela morte e ressurreição de Jesus, os cristãos foram libertos do domínio do pecado e agora pertencem ao Senhor. Por isso, o apóstolo exorta os cristãos de Roma a não se deixarem dominar pelo pecado, mas viverem aquilo que de fato são: libertos em Cristo, vivendo em santificação como servos de Deus.

No Evangelho de Mateus 10.5a,21-33, Jesus prepara seus discípulos para as dificuldades que enfrentarão por causa do Evangelho. Haverá perseguição, rejeição e divisões até mesmo dentro das famílias. Ele consola seus discípulos, lembrando que o Pai celestial conhece e permanecerá conduzindo o trabalho da sua Igreja na terra. Por isso, diante do medo e da oposição, os discípulos são chamados a permanecer fiéis e confessar publicamente a fé no Salvador Jesus.

3 O TEXTO DE MATEUS 10.5A,21-33

O texto de Mateus 10.5a,21-33 está inserido no chamado “Discurso Missionário” de Jesus (10.5-42), no qual o Senhor envia os doze apóstolos para anunciar a chegada do Reino de Deus.

Mateus enfatiza a singularidade desse envio ao utilizar o objeto direto da missão “estes doze” (v.5), destacando que os apóstolos possuem uma função específica e fundamental no estabelecimento da missão cristã.

Mas, embora algumas instruções tenham aplicação imediata aos apóstolos, o discurso, na verdade, alcança a Igreja cristã como um todo, especialmente a partir da segunda metade do capítulo.

Inicialmente, Jesus restringe a missão às “ovelhas perdidas da casa de Israel” (v.6). A ordem para não seguirem “o caminho dos gentios” nem entrarem “em cidade de samaritanos” demonstra que a proclamação messiânica começa dentro da própria casa.

Isso não significa exclusão dos gentios, mas sim, o cumprimento das promessas feitas a Israel. Afinal, posteriormente (em Mt 28.19), o próprio Evangelho culminará com a ordem universal: “Ide e fazei discípulos de todas as nações”.

A primeira parte do discurso enfatiza aquilo que os apóstolos deveriam fazer ativamente: anunciar, curar, purificar e expulsar demônios. Contudo, a partir do versículo 16, Jesus passa a preparar os discípulos para a oposição que enfrentarão por causa do Evangelho. Haverá perseguições, rejeições, prisões, açoites e até morte.

Ao afirmar “Um irmão entregará à morte outro irmão” (v.21), Jesus demonstra que o Evangelho provoca divisão até mesmo dentro das estruturas humanas mais íntimas. A fidelidade a Cristo frequentemente colocará seus discípulos em conflito com o mundo porque a luz de Cristo confronta os recônditos mais sombrios do pecado e da incredulidade.

Nos vv. 24-25, Jesus afirma que o discípulo está ligado ao seu Senhor e participa de sua missão, de seus sofrimentos e de sua glória, por isso, os discípulos não podem esperar tratamento diferente daquele recebido pelo próprio Mestre.

Jesus não promete ausência de sofrimento ou perseguição. Mas, convida seus enviados a enxergarem a realidade presente à luz das promessas eternas de Deus, a partir da tríplice expressão: “Não temam” (v. 26,28,31).

O primeiro “não temam” (v.26) está ligado à certeza de que a verdade do Reino será plenamente revelada. Embora o Evangelho pareça oculto e desprezado, chegará o dia em que Deus manifestará publicamente sua verdade.

O segundo “não temam” (v.28) afirma que os acusadores podem matar o corpo, mas não podem destruir a comunhão do cristão com Deus. A vida eterna permanece segura nas mãos daquele que morreu e ressuscitou. Portanto, o maior temor do discípulo não é, na verdade, o sofrimento físico ou a perseguição, mas a separação eterna de Deus.

O terceiro “não temam” (v.31) fundamenta-se no cuidado providencial de Deus. Se nem mesmo os pardais são desamparados pelo Pai, muito mais os discípulos de Cristo permanecem guardados sob o olhar amoroso do Pai celestial.

Finalmente, nos vv. 32-33, Jesus enfatiza a importância da confissão pública da fé: “Todo aquele que me confessar diante dos homens, também eu o confessarei diante de meu Pai”.

A confissão é evidência da fé presente no coração. Quem crê em Cristo naturalmente fala dele, anuncia sua obra e testemunha o Evangelho, no lugar onde foi colocado. Os credos ecumênicos (Apostólico, Niceno e Atanasiano), confessados semanalmente pela Igreja e diariamente nas famílias cristãs, fixam o conteúdo daquilo que é confessado, quem é Jesus e o que ele fez. É esse Cristo, confessado na liturgia e no lar, que os discípulos são chamados a anunciar também diante do mundo.

Jesus então promete que no Último Dia, ele também fará uma confissão ao seu Pai. Cristo confessará a pessoa que o confessou diante dos outros. Ele dirá: “Este é meu”. Mas, o terrível oposto também é verdadeiro, negar Jesus e a verdade sobre quem ele é na presença de outros revela um medo tão grande dos homens que corrói a fé. E é justamente a esse medo, tão presente no povo que servimos, que Cristo responde, repetidamente: “não temam”.

4 REFLEXÕES E APLICAÇÕES HOMILÉTICAS

O povo de Deus vive momentos de medo e perseguição que atentam contra a vida. Os textos do dia são categóricos ao afirmar que o Senhor está cuidando e providenciando que o Evangelho chegue a muitos ouvidos e lugares.

Uma possibilidade homilética para a pregação deste Evangelho é acompanhar o próprio movimento do texto. Jesus conduz seus discípulos por três grandes momentos. Primeiro, ele anuncia a realidade do sofrimento e da perseguição. Depois, fortalece-os através da repetida expressão “não temam”. E, finalmente os chama à confissão pública da fé.

A vida cristã acontece em um mundo caracterizado pelo pecado e pela resistência ao Evangelho. Por isso, aqueles que seguem a Cristo inevitavelmente enfrentarão rejeição, perseguição e conflitos. O próprio Senhor afirma que haverá divisões até dentro das famílias. Assim, você pode mostrar que a cruz faz parte da caminhada daqueles que pertencem a Cristo.

O medo continua dominando a vida humana. Medo da violência, das crises sociais, da instabilidade econômica, das enfermidades, da rejeição, da solidão e até do futuro. Além disso, muitos cristãos vivem o medo de confessar publicamente sua fé em determinados ambientes por receio de críticas ou desprezo. Porém, o verdadeiro problema não são aqueles que podem atingir o corpo, mas a incredulidade que afasta o ser humano de Deus.

Por isso, não temam as perseguições, nem as turbulências do mundo, nem o sofrimento. Muito menos aqueles que rejeitam o Evangelho, pois o Senhor continuará reinando e conduzindo sua Igreja, afinal, vocês valem muito mais do que muitos pardais. O Deus que sustentou Jeremias em meio à perseguição continua sendo o refúgio e a fortaleza do seu povo, conforme o Salmista afirma.

Por último, leve os ouvintes a refletirem sobre os lugares onde Deus os colocou para confessarem Cristo, dentro de casa, no ambiente de trabalho, na escola, na universidade e na convivência social. Nesses locais e na simplicidade do dia a dia, com palavras simples, no cotidiano e às vezes sem muita formalidade, os cristãos continuam testemunhando o Evangelho com palavras e atitudes, perdão e serviço ao próximo.

“Portanto, não tenham medo deles. Pois não há nada encoberto que não venha a ser revelado, nem oculto que não venha a ser conhecido” (v.26).

Esta é a promessa que você pode proclamar aos seus ouvintes. O Pai celestial, o protetor e poderoso guerreiro do seu povo, conhece seus filhos. Ele conhece a cada um (v.30) e continuamente cuida de cada um em meio às dificuldades, medos e perseguições.

Ele prometeu fazer por você e seus ouvintes o que já fez por seu Filho. O Pai ressuscitou o crucificado ao terceiro dia e prometeu fazer o mesmo com todos aqueles que pertencem a ele.

Portanto, quando o medo, as dificuldades e as perseguições parecem dominar a vida, Cristo continua afirmando: “Não temam”, justamente porque ele conhece seus filhos, ouve suas orações, sustenta a fé e promete a vida eterna.

Pois, o mesmo Senhor que chamou seus discípulos a não temer continua ainda hoje sustentando sua Igreja através da Palavra e dos Meios da Graça, até o dia em que toda perseguição e medo cessará e os seus filhos ouvirão diante do Pai a confissão do Cristo vencedor, dizendo: “Este é meu”.

Rev. Alessandro de Avila

Eunápolis, BA